

Celam reúne à procura de solução para US\$ 350 bi

Quito — A Conferência Econômica Latino-Americana iniciou ontem seus trabalhos em Quito à procura de uma plataforma comum para enfrentar a dívida externa de cerca de US\$ 350 bilhões, convenida de que não tem condições para pagá-la se os bancos internacionais mantiverem as atuais exigências.

«Está bem claro que, nas circunstâncias atuais, a América Latina não pode pagar sua dívida», afirmou o venezuelano Sebastian Alegrétt, secretário-geral do Sistema Econômico Latino-Americano (SELA), referindo-se à conferência que reúne representantes de 30 países.

«A América Latina está colocando uma realidade e nós desejamos que o Banco Mundial e os organismos financeiros entendam que de outra maneira não haverá solução», disse Alegrétt.

Os países latino-americanos rejeitam a criação de um clube de devedores, «mas existe uma plataforma comum de princípios, condições muito mais claras para negociar o tema das dívidas», disse ainda Alegrétt.

Referindo-se a coincidências básicas sobre prazos, juros, sobretaxas das comissões, Alegrétt qualificou como «uma virtual recolonização da América Latina» e interesse de alguns banqueiros de trocar as dívidas por ativos dos países latino-americanos.

A primeira etapa da Conferência — que reúne delegados de alto nível de governos latino-americanos — começou com um discurso de Abelardo Pachano Bertero, chefe da delegação equatoriana.

Pachano disse que é preciso «preservar o nível de vida» dos povos latino-americanos.

Os países da América Latina também estão tentando «sensibilizar o mundo industrializado a respeito da gravidade da crise econômica, da necessidade que a América Latina tem de um adequado e oportuno apoio financeiro internacional, de que sejam contidas as políticas protecionistas», disse o representante equatoriano. Segundo Pachano, os delegados procurarão abrir um «horizonte econômico muito mais estável» para a América Latina.

Os organizadores da Conferência anunciaram que na próxima quarta-feira chegarão os presidentes Belisário Betancur, da Colômbia, Salvador Jorge Blanco, da República Dominicana, e Luís Alberto Monge, da Costa Rica, para participarem da conferência juntamente com o presidente equatoriano Osvaldo Hurtado, que convocou a reunião. Virá também o vice-presidente de Cuba, Carlos Rafael Rodríguez.

A parte política da conferência começará quinta-feira com a par-

ticipação também dos chanceleres Ramiro Saraiva Guerreiro, do Brasil, Dante Caputo, da Argentina, e Bernardo Sepúlveda, do México.

O encerramento da conferência está previsto para sexta-feira. Neste dia será divulgado um documento que refletirá a posição comum dos países latino-americanos sobre a grave crise econômica da região. O documento deverá ser aprovado por consenso, disseram fontes da conferência.

Devido à presença de 300 delegados latino-americanos, as forças de segurança do Equador montaram um rigoroso esquema policial no Hotel Colon, de Quito, e em suas proximidades, com militares armados de metralhadoras e carros antidistúrbios.

Ao falar na sessão inaugural em nome dos representantes dos 30 países participantes, Jorge Navarrete, delegado do México, afirmou que «a reativação das economias desenvolvidas não poderá consolidar-se sem uma notável melhoria das condições dos países latino-americanos».

Segundo Navarrete, o mundo industrializado e desenvolvido deve entender que «já não é mais o momento da prosperidade para alguns e do atraso para o resto, como acontecia durante o período colonial».

«Agora, ou progredimos todos ou a alternativa da recessão continuada será uma realidade permanente na economia mundial», disse o delegado mexicano.

«A corrida armamentista continua absorvendo volumes ingentes de recursos que sem dúvida, como todos sabemos, poderiam ser melhor empregados no financiamento da cooperação internacional para o desenvolvimento», disse Navarrete.

Guerreiro

A participação do Brasil e a intervenção do chanceler Saraiva Guerreiro é esperada com muita expectativa. Isto porque, tão logo foi concretizada, a reunião gerou um clima de grande apreensão entre os dirigentes dos grandes centros financeiros do mundo, como Wall Street e a City de Londres. A idéia, nestes centros, é de que se está preparando a criação de um clube de devedores ou que o documento seja, em última análise, uma declaração conjunta de falência ou, na melhor das hipóteses, um pedido geral de moratória.

No Itamaraty, nenhum comentário oficial da participação brasileira foi feito. Mas sabe-se, através de conversas informais, que a orientação do chanceler Saraiva Guerreiro é no sentido de que o Governo brasileiro tenha uma participação efetiva, mas discreta, durante toda a reunião.